

DEPOIMENTOS E DOCUMENTOS

UM DEPOIMENTO SOBRE MEU PAI

Paulo de Tarso Chaves de Melo

No dia seguinte em que meu pai faleceu, ainda atribulado pelas providências necessárias para realizar o seu sepultamento, recebi um *e-mail* de minha filha, que atualmente reside em Berlim, através do qual ela manifestava a sua grande tristeza com a notícia que acabava de receber, dizendo que, na realidade, tinha conhecido pouco o avô, mas que havia guardado uma lembrança muito nítida de sua vida: a grande bondade que sentia nele.

E eu acredito que ela, com a grande intuição que é própria das mulheres, na realidade compreendeu qual foi a principal característica da extensa obra da vida de meu pai.

Mais do que pela sua inteligência, tão decantada, meu pai se impunha para aqueles que o conheciam de perto pela sua bondade, que era, também, um grande atributo de minha saudosa mãe. Na realidade, essas características dos dois marcaram demais a nossa infância. Acabaram constituindo um grande peso, se posso assim dizer, para nós todos, que nos sentíamos grandemente responsáveis por termos que repetir esse exemplo de vida, sentindo-nos, todos nós, pouco dignos de continuar tão nobre linhagem.

Meu pai era, principalmente, um grande símbolo de retidão, de fidelidade à sua ardente fé, da qual ele deu testemunho durante toda a vida. Mamãe era talvez a sua principal admiradora e todos nós fomos criados, desde pequenos, aprendendo da sua boca a admirar e a enaltecer esse pai-símbolo, exaltado por todos. Não foram poucas as vezes em que ouvi das mais diversas pessoas, algumas até minhas desconhecidas, os maiores elogios ao meu pai, e também à minha mãe, e todos eram unânimes em dizer da nossa grande responsabilidade em estarmos à altura de tão grandes pais.

Essa missão que nos impunham é que eu chamo de grande peso, que nos marcou muito a todos.

Meu pai era um homem que se impunha muito. Ninguém conseguia ficar indiferente a ele: ou o admiravam muito ou o detestavam (principalmente os seus inimigos políticos). Isso talvez porque ele mesmo nunca foi um homem “morno”. Sempre manifestou a sua opinião sobre todos os assuntos de forma direta, às vezes veemente, nunca indiferente. Sua passagem pela política e

sua liderança no laicato católico do Brasil sempre foi clara, objetiva, apaixonada, como se ele estivesse sempre defendendo uma grande causa, digna dos maiores sacrifícios, e das mais nítidas manifestações públicas. Nunca teve medo de nada.

Uma de suas características mais marcantes talvez tenha sido sua preocupação com a beleza, outra face da bondade. Ele tinha grande sensibilidade para conhecer a beleza, em todas as suas manifestações: na pintura, na escultura, na arquitetura, na música e, principalmente, na literatura.

Creio que uma das lembranças mais remotas que dele guardo é vê-lo lendo textos de grandes autores da língua portuguesa, como Camões, Fernando Pessoa e Machado de Assis, embevecido não somente por causa da pureza da língua, mas principalmente pela beleza das construções, das aproximações, dos achados poéticos, do efeito geral conseguido na realização do texto literário daqueles autores. Foi ele que me apresentou, eu ainda muito jovem, a Machado de Assis, de quem ele conhecia inúmeros textos, de vários de seus livros, de cor. E isso em uma época em que o extraordinário escritor não era ainda, absolutamente, a grande unanimidade que hoje é na crítica literária brasileira.

Algumas vezes cheguei a pensar se a sua grande paixão pelo estudo científico da Filologia e da língua portuguesa não seriam, no fundo, um outro aspecto dessa sua incessante busca da beleza, da pureza das origens onde se forjou esta tão bela língua, onde primeiro chorou Camões.

Esse foi o velhinho que nos deixou no dia 7/12/2001 e quem, infelizmente, meus filhos não tiveram a oportunidade de conhecer, com esses atributos que estou descrevendo, porque eles já o conheceram doente, distante, obcecado pelas suas imaginadas angústias, que o fizeram sofrer muito nos últimos anos de vida.

Na verdade, nos derradeiros anos de tão profícua existência, meu pai estava grandemente preocupado com o julgamento da obra inteira de sua vida.

Não com o julgamento feito pelos homens, porque a este ele não dava importância maior. Mas com o julgamento por parte d'Aquele a quem ele nos ensinou a amar sobre todas as coisas.

E, por causa deste julgamento maior, ele sofreu muito intensamente. Mas, no fundo, o aguardava, tenho certeza, com grande confiança e renovada esperança. Julgamento esse que pode ser resumido nesse verso, que ele próprio algumas vezes nos declamou, de São João da Cruz:

“Y, por la tarde, te julgarán en el Amor”.